



BUCHAREST.

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

Esta cidade, capital da Valachia, está edificada n'uma grande planície, correndo-lhe pelo centro o rio Dimbowitza. ~~Diste setenta leguas do mar Negro, e dezoito do Danúbio.~~ Segundo os recenseamentos modernos, Bucharest contém cem mil habitantes, posto que pelo espaço que occupa podesse ter o dobro.

As casas, quasi todas de um só andar, e de informe construcção, são fabricadas de tijolo cal e madeira; sendo feitas assim de proposito por causa dos tremores de terra, que são ahí mui frequentes.

As ruas, tortuosas, são pouco aceiadas, e, como em quasi todas as terras do Oriente, mal policiadas.

MISSOES DA INDIA.

As missões da Asia tinham chegado ao seu maior esplendor quando se extinguiu a Companhia de Jesus. Como estes padres tambem foram despedidos das conquistas, ordenou-se no tempo do marquez de Pombal aos superiores das outras ordens religiosas, que arranjassem missionarios que occupassem o lugar dos jesuitas. Effectivamente os mandaram, mas d'aquelles que melhor podiam dispensar; gente nova de quem a idade, as luzes, e a experiencia eram pouco convenientes a funcções tão penosas. Já por estas epocas grassava a relaxação n'aquellas ordens, que de dia para dia se foi augmentando com as isenções dos regulares, e mandarem-se geralmente para o Oriente por castigo os religiosos menos revestidos de virtudes apostolicas, e darem-se-lhes de propriedade muitas missões, para as administrarem quasi independentemente dos bispos. De todas estas causas, mais aggravadas ainda com a extincção das ordens religiosas em 1833, nasceram as questões que trazemos pendentes sobre o padroado da corôa portugueza no Oriente.

Para conhecermos quanto foi impolitica a extincção dos missionarios jesuitas em as missões da India, aqui apresentamos um documento, que não anda muito vulgar. Por elle se avaliara o estado das nossas ordens regulares em o Oriente no começo d'este seculo. É testemunho insuspeito, porque parte de D. Fr. Manuel de S. Gualdino, que em 1804 foi transferido da igreja de Macau para a coadjutoria e futura successão do arcebispo de Goa, D. Fr. Manuel de Santa Catharina. Assim se expressava este prelado n'uma representação que dirigiu ao principe regente em Janeiro de 1805:

«Senhor. Como V. A. houve por bem encarregar-me o governo da principal igreja da Asia, a quem presentemente está incumbido cuidar de todas as outras, que não teem bispos, acho ser da minha obrigação expor a V. A. o estado geral em que se acham, e em particular a de Macau, que ainda estou governando, e da qual me persuado ter todo o conhecimento, pedindo a V. A. providencias para todas ellas.

«Quando os portuguezes, senhor, conquistaram a India, cuidaram logo em fazer muitos conventos de religiosos, para que estes fizessem tambem conquistas para a religião: isto não podia deixar de ser muito util mesmo para o estado, pois só a religião christã é capaz de fazer doces os povos; e sujeital-os de coração aos seus soberanos, e assim aconteceu com effeito em quanto vieram religiosos escolhidos, homens já determinados ao combate das paixões; porém logo que os provinciaes do reino entraram a não mandar senão aquelles que lá não podiam soffrer, ou mandaram umas recrutas de rapazes sem talentos, sem estudos, e o peor é, sem costumes, e dos que elles não queriam para ficarem nos conventos da Europa, depois que vieram para a India frades, que a virem deveriam vir soldados, as religiões decaíram, relaxaram-se, e ficaram de bem pouca utilidade. As missões encarregadas a sujeitos tão pouco habéis desfalleceram, decaíram, e á proporção decaiu tambem o amor dos povos ao nome christão, e ao nome portuguez, no que o estado tem soffrido uma perda, que não é facil de calcular.

«No principio foi preciso encarregar as missões aos religiosos, assim pela proibidade d'estes, como porque o clero indiano (se o havia) é pouco apto para grandes coisas: cada religião teve districto assignado de missionar para evitar as intrigas, que nasciam da mistura de religiosos de diversos institutos nas mesmas terras; e pelo tempo adiante cada religião chamou seu ao districto, em que mais frequentemente missionava. Os bispos, contentes dos progressos, que então faziam, e temendo entrar em contestações, calaram-se e não disputaram os titulos, com que se chamavam donos d'aquellas missões; ficou pois sendo isto para as religiões uma prerogativa, e um direito de posse, que teem procurado sempre conservar bem contra a vontade dos ultimos bispos, que se acham sem forças de combatel-os, porque os bispos são sós, e as religiões em semelhantes artigos fazem causa commum. Era preciso para conservarem-se n'esta posse, e prover cada uma o seu districto, terem gente; e como da Europa nem mesmo da incapaz lhes vinha, entraram a mandar busca-la a bordo das naus do reino, e acceitarem não só alguns rapazes que vinham servindo nos navios, mas até dos soldados da guarnição, e alguns mesmo dos que vinham degradados. Não obstante a desordem d'esta escolha, as religiões não teem a gente sufficiente, e as missões que devem prover, estão com tão pouca e tão má pela maior parte, que não exagero em dizer que estão desertas.

«Os provinciaes de Goa á imitação dos da Europa, tambem não mandam para as missões, especialmente as mais distantes, e em paizes menos sadios, senão aquelles de que querem desfazer-se. Timor, por exemplo, que é o degredo dos degradados de Goa, o veiu a ser tambem dos religiosos de S. Domingos com a differença, que estes degradados vão a missionar, e parochiar.

Que parochos, e que missionarios! O menor mal que lá fazem é negociar. Eu sou testemunha de um padre, que no mesmo barco em que foi, mandou logo varias commissões de sandalo por sua conta.

«O arcebispo além de não ter clerigos que bastem a prover estas missões, os mesmos que tem, não pode mandal-os por serem as missões denominadas dos religiosos; e se se atrevesse a designar os sujeitos mais capazes de entre estes, e de propria autoridade os quizesse enviar, além de não ser obedecido, havia logo recursos por um abuso de poder, logo gritavam que eram isentos, que lhes quebravam os privilegios, etc., e estas isenções e privilegios que os summos pontifices lhes não concederam, senão para o melhor serviço da Igreja, veiu a ser presentemente, em especial na Asia, o meio de não serem as missões servidas, e de perder-se aquillo mesmo, que custou tanto a ganhar para a Igreja.

«Eu faço gloria, senhor, de ser religioso, preso-me muito do meu habito, e da corporação a que tenho a honra de pertencer, mas é por isso mesmo que me atrevo a dizer a V. A. que na Asia não deve haver religiosos isentos, ao menos d'estes pontos, e que para o bom regimen d'estas egrejas é preciso que V. A. determine que os bispos mandem para qualquer missão, pertença a quem pertencer, os individuos que lhe pareçam ou sejam seculares, ou regulares sem que os provinciaes possam oppor-se, salvo no caso que fosse immediatamente prejudicial ao governo economico dos conventos.

«Tão longe estou eu, senhor, de ser contra as religiões, que peço pelo amor de Deus a V. A. mande bispos para estes bispados extrahidos das mesmas corporações, que presumem pertencer-lhes, isto é, de S. Domingos para o bispado de Malaca, de S. Agostinho para o bispado de Meliapor, e arcebispado de Cangranor. Para Cochim, que agora não pertence a corporação particular, pode vir d'onde V. A. quizer, com obrigação porém de que os provinciaes destinem a cada bispo, pelo menos quatro religiosos sacerdotes da mesma corporação para acompanhal-os, aliás veem os pobres sem acharem ninguem que os ajude. A V. A. não querer mandar bispos, queira ao menos mandar religiosos, homens já feitos e capazes. Eu sei que os provinciaes tem razão de não quererem mandar d'estes, porque lá mesmo são muito uteis; porém, senhor, ainda que o sacerdote bom é utilissimo em toda a parte, e sempre faz falta d'onde se tira, os provinciaes devem attender á maior necessidade da Igreja e do estado, e mandarem para a India ao menos homens serios.

«Em uma palavra, senhor, o que eu lembro a V. A., e encarecidamente rogo, é que determine que venham padres, e de probidade, aliás perdem-se de todo estas missões, e consecutivamente estas colonias.»

Quando isto succedia então, que não será hoje, em que desamparámos inteiramente as mis-

sões? Tem sido tão afflictivo a este respeito o estado da Igreja do Oriente, que n'estas longas negociações que estão pendentes com a corte de Roma sobre o padroado, se tratou de incluir na concordata, como remedio a tamanho mal, o restabelecimento da Companhia para aquellas missões.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

Continuação.

Já era noite fechada, e o corteiro não tinha voltado; o abbade estava impaciente e inquieto, quando foi provocada a sua attenção pelo grito de um dos sentinellas, e viu um clarão ao longe n'uma das montanhas.

— É o signal! O signal! exclamou alegre Paslew, um archote, um archote, depressa! É o signal de Blackstone Edge, agora outro se acende na grimpa de Clidiger, outro sobre Ightenhill, outro no monte de Boulsonlb, e agora segue-se o nosso. Possam elles allumiar a destruição dos inimigos da nossa santa Igreja!

Dizendo isto chegou o archote á lenha, que já estava preparada. Os monges fizeram outro tanto, e uma viva chamma ergueu-se illuminando tudo em torno. Em breve viam-se fogos semelhantes por toda a parte; parecia obra de encanto tão repentina apparição. A cada novo fogo mais se animava o abbade e os seus companheiros, e tão extraordinario era o espectaculo, que dir-se-hia, que celebravam alguma festa ás fadas n'aquella noite.

O abbade montando então a cavallo, disse para os monges:

— Segui-me, meus irmãos, como puderdes. Eu irei a toda a pressa para o convento dar ordem para marcharem duzentos archeiros para Huddustield e Wakefield. Os abbades de Jervaux e Salley estarão conosco antes da meia noite, e ao romper do dia partimos todos para nos unirmos com o exercito. E o ceo esteja conosco.

— Parae! disse uma voz imperiosa. Parae! Com grande surpresa o abbade ao voltar-se viu Nicholau Demdike adiante de si. O seu aspecto não tinha nada de agradável; e visto á luz da logueira o seu ar selvagem, os seus olhos seintillantes, a sua grande altura, e trajo phantastico, davam-lhe um aspecto sobrenatural.

— Venho-vos avisar, sr. abbade, disse elle; ouvi-me antes de partir para que não vos aconteça mal.

— Mal me acontecerá se te ouvir, respondeu o abbade. Que fizestes a Cuthbert Ashted?

— Não o tornei a ver desde que elle me lançou a setta por vossa ordem, sr. abbade, respondeu Demdike.

— Toma conta, se lhe tiver acontecido alguma desgraça tu o pagarás, disse Paslew; mas

não tenho agora tempo para perder contigo. Adeus, meus irmãos. Hade-se celebrar missa amanhã na igreja do convento antes de partirmos, e ahí os espero ver.

— Não haveis de partir amanhã, sr. abbade, disse Demdike, cravando o seu varapau no chão tão perto do cavallo que este assustou-se, empinando-se, e por pouco não atirou por terra o cavalleiro.

— Que queres fazer, villão? gritou o abbade furioso.

— Dar-vos um conselho, respondeu Demdike.

— Arreda-te e deixa-me passar, disse o abbade, cravando as esporas no seu cavallo, ou ficarás esmagado!

— Eu poderia deixar-vos caminhar para a vossa perdição, tornou Demdike, deitando a mão ás redeas do cavallo; mas haveis de ouvir-me primeiro. Digo-vos que amanhã não partireis: digo-vos que antes de amanhecer o mosteiro de Whalley não estará no vosso poder; e se ativerdes em seguir o vosso caminho, seja á custa da vossa vida. Agora quereis dar-me attenção?

— Faço mal talvez em o fazer, respondeu o abbade, falla, que tens a dizer-me?

— Acompanhae-me aonde os mais não nos possam ouvir, e então vol-o direi, disse Demdike, encaminhando o cavallo para alguma distancia. A vossa causa está perdida, disse elle, de todo perdida!

— Perdida! exclamou o abbade impaciente. Perdida! Olha em torno de ti homem. Avistam-se mais de vinte fogos, mais de trinta, e cada fogo que vês chama, pelo menos, cem homens ás armas. É em menos de uma hora estarão quinhentos homens formados na frente do mosteiro.

— É verdade que estarão, respondeu Demdike; mas não reconhecem o conde da Pobreza por seu general.

— E quem o será então? perguntou o abbade.

— O conde de Derby, elle vem agora mesmo marchando de Restow para aqui, com o lord Mounteagle.

— Ah! exclamou Paslew, deixa-me partir. Mas para que te dou eu attenção? Nada poderás saber; d'onde tiveste essa noticia?

— Não vos fique duvida, respondeu o outro, a noticia é verdadeira. Digo-vos, orgulhoso prelado, que esse grande plano para a restauração do catholicismo caiu por terra para se não levantar mais.

— E eu digo-te que mentes, canalha! gritou o abbade, dando-lhe com o chicote na mão; larga a redea, e deixa-me passar.

— Quando acabar o que tenho para vos dizer, replicou Demdike, segurando a redea. Fizestes bem em tomar o titulo de conde da Pobreza, é o que vos fica agora; abbade de Whalley já o não sois. Hãode vos tirar os vossos bens, e tambem a vida. Se fugirdes, a vossa cabeça hade ser posta a preço. Eu só vos posso salvar, e salvar-vos-hei, mas com uma condição.

— Eu não accetto condições de ti, escravo de Satanaz! disse o abbade, arreda-te ou morres!

— Estaes de todo em meu poder, respondeu Demdike, recuando o cavallo para a borda de um precipicio. A surpresa e o terror sumiram a voz ao abbade. Podia, se assim o quizesse, lançar-vos d'aqui a uma morte certa, mas não é esse o meu desejo: ao contrario quero servir-vos, como já disse, com uma condição.

— A tua condição será a minha maldição eterna, disse o abbade. Tentas assustar-me em vão. *Vade retrò Satanaz.* Eu te arrenego e a todas as tuas obras.

Demdike desatou a rir.

— Os anathemas da Igreja não me assustam, disse elle; mas reparae agora como se apagam as vossas fogueiras: eu bem vos disse que a vossa tentativa estava acabada.

— Pela Senhora de Whalley que é verdade, exclamou o abbade, cujo terror augmentava: que nova feiticaria é esta?

— Não é feiticaria, tornou o outro. Houve outra cheia no Don; os rebeldes accitaram o perdão do rei, e debandaram abandonando os seus chefes. Os abbades de Jervaux e Salley tentaram capitular, mas em vão. A Peregrinação da Graça está acabada, e os vossos esforços perdidos. Trinta annos tendes governado aqui, mas findou o vosso governo. Dezesete abbades teem havido em Whalley, o ultimo sois vós, e não haverá nunca outro.

— É o demonio em pessoa que me falla, exclamou Paslew, em suóres frios.

— Pouco importa quem sou, respondeu o outro. Já vos disse que vos podia salvar; mas só com uma condição, e não é grande. Retirae a vossa sentença de minha mulher, e baptisae minha filha, é quanto vos peço. Nem isso pediria se não fosse por ella. Quereis fazel-o?

— Não, respondeu o abbade. Nunca baptisarei uma filha de Satanaz. Não venderei assim a minha salvação. Deixa-me: tentas-me em vão.

— Perdeis o tempo em querer desembaraçar-vos de mim, tornou o outro. E se eu vos livrar dos vossos inimigos, de modo que vos possaes vingar d'elles? Agora mesmo estão alguns homens armados á vossa espera em baixo d'esta encosta. Quereis que vos ensine como haveis destruil-os?

— Quem são? perguntou o abbade.

— São commandados por João Boaddyl, e Richardo Asskton, que hãode repartir os bens do mosteiro de Whalley entre si, se vós os não impedirdes.

— Que o inferno os possa queimar antes d'isso! exclamou o abbade.

— Essa praga que proferis denota o vosso sentimento, disse Demdike, vinde por aqui.

E sem esperar a resposta do abbade, principiou a encaminhar o cavallo para o outro lado da montanha. Os dois monges tinham presenciado de longe, e cheios de surpresa esta entrevista, sem ousarem interrompê-la; e agora in-

terrogavam o abade com os olhos, mas elle caminhava silencioso, e aos archeiros que lhe perguntavam se deviam apagar o fogo como se tinha feito aos outros, respondeu enfadado que não.

— Aonde estão os inimigos de que fallaes? perguntou elle com bastante inquietação a Demdike, que levava o seu cavallo com cuidado pela encosta abaixo.

— Vêl-os-has dentro em pouco, respondeu o outro.

— Levas-me para o circulo que traçaste? disse Paslew, para ahí não vou.

— Nem eu o quero, respondeu Demdike. Ficae aqui, que não correis perigo nenhum. Agora mandae a vossa gente que se aproxime, e que prepare as suas armas.

O abade sem perguntar para que, obedeceu; os frades a cavallo em duas mulas, collocaram-se por traz do abade, e os archeiros ao seu lado. Apenas estava isto feito, quando magotes de homens armados, com grandes brados, saltaram o muro, e começaram a escalar a montanha com rapidez. Elles subiam por um fundo canal, que parecia ter sido o leito de alguma torrente, agora secco, e que tinha vau no sitio aonde o abade e Demdike estavam. Ao clarão do fogo viam-se distinctamente os homens que assim subiam, e o seu traço indicava que eram soldados realistas.

— Não dês um passo se quereis salvar a vida, disse o feiticeiro a Paslew, e reparae bem nas ordens que vou dar.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

404. Apenas o Arianismo, e as seitas que elle produziu foram fulminadas pelas mais authenticas decisões, nasceu das suas cinzas uma nova heresia não menos funesta — o *Pelagianismo*. Os arianos pretendiam que a filiação divina de Jesus Christo fôra a recompensa dos meritos previstos; os pelagianos pretenderam que a adopção divina dos seus membros era tambem a recompensa dos seus proprios meritos. Os arianos atacaram a propria divindade de Christo; os pelagianos atacaram a sua graça.

Pelagio, monge inglez, e *Celestio*, tambem monge, ambos habeis, insinuantes, e doutos, revestidos de especioso exterior de virtude, foram os principaes autores d'esta seita. Ensina-vam que Adão fôra creado mortal; que o seu peccado unicamente a elle prejudicara; que não houve peccado original; que todos que nascem estão no mesmo estado que Adão antes da sua desobediencia, e que tem a vida eterna sem serem baptisados; que o peccado de Adão não é causa da morte do genero humano, nem a re-

surreição de Christo causa da resurreição de todos os homens; que a lei de Moysés envia ao ceo bem como a do Evangelho; e que mesmo antes da vinda de Christo houve homens impeccaveis, isto é, sem peccados: que o homem pode viver sem peccar: que o livre arbitrio lhe basta para fazer o bem, e evitar o mal; e restrictamente fallando, que o homem pode passar sem a graça. Muitas pessoas doutas se pronunciaram logo contra esta doutrina, tão favoravel ao orgulho, e contraria aos principios do Christianismo; e foi condemnada em repetidos concilios. O bispo de Hippona confundiu-a tão gloriosamente que por esta razão foi cognominado o *doutor da graça*.

422. Os *Semi-Pelagianos*, assim chamados, porque unicamente admittiam parte dos erros de Pelagio, e rejeitavam outra parte, principiaram então a apparecer na Igreja. Confessavam a existencia do peccado original, e a necessidade da graça; mas sustentavam ao mesmo tempo que o homem podia dar os primeiros passos sem esta graça; quer dizer, que sem ella podia, por exemplo, desejar fazer o bem, e merecer, pelas suas proprias forças, a primeira graça necessaria á salvação; que, portanto, o principio da salvação dependia da vontade do homem: opinião erronea, e contraria á doutrina da Igreja, que ensina que ella vem de Deus. Os concilios não a pouparam mais que á de Pelagio.

429. *Nestorio*, patriarcha de Jerusalem, homem eloquente, que ganhara uma grande reputação de doutrina e virtude, ensinou que havia duas pessoas em Christo: o Deus, e o homem. Negou que a Santa Virgem fosse a Mãe do Salvador, como Deus; «porque, dizia elle, acaso um Deus pode ter mãe? A creatura pode dar á luz o Creador? Maria podia fazer nascer o que era mais antigo do que ella? Acaso compartilhou a divindade? Assim era preciso, para dar á luz um Deus; porque uma verdadeira mãe deve ser da mesma natureza do que nasce d'ella. Maria não foi portanto a Mãe de Jesus Christo, senão como homem; ella não concebeu, pela operação do Espirito Santo, senão um corpo ordinario a que o Verbo se dignou unir para n'elle habitar como seu templo, e que se dignou fazer-o instrumento da nossa redempção.» Distinctos bispos se elevaram contra esta heresia; e foi anathematisada no concilio de Epheso.

447. *Eutyches*, abade de um mosteiro de trezentos monges nos suburbios de Constantinopola, combateu com zelo os dogmas impios de Nestorio, e caiu depois n'uma heresia contraria. Concordava em que a Santa Virgem fôra Mãe de Jesus Christo, como Deus; mas negava que o corpo que ella concebera lhe fosse consubstancial, ainda que se chamasse um corpo humano. Na sua opinião não era um corpo vulgar: era um corpo, por assim dizer, divinizado; de sorte que depois da encarnação, a natureza divina, e a natureza humana não faziam mais do que uma só natureza. Esta doutrina erronea foi

condemnada pelo concilio de Constantinopola, em 448.

622. *Mahomet*, homem de vasto espirito, e genio audacioso, empreendeu mudar a religião dos povos, e seduziu logo uma nação fanatica e credula, á qual apresentou, por unica prova de sua missão, a espada e a morte. *Mahomet*, genito do sangue dos principes da Meca, mas pobre, depois de ter sido conductor de caravanas da Syria e da Arabia, tomou o modesto titulo de propheta, enviado, e amigo do Altissimo; e por meio de uma ridicula mistura do judaismo e do christianismo, compoz uma doutrina que forçou os seus compatriotas a adoptarem, já pelos prestigios e imposturas, já com a espada em punho. Ensinou que não havia mais do que um Deus unico; que é eterno, e indivisivel; que predestina os homens ao bem, e ao mal; que Jesus Christo era o propheta do Senhor, crucificado unicamente em apparencia; que ainda que Jesus Christo não morreu, hade comtudo morrer e resuscitar; que os demonios hão de ser salvos; que só a circumcisão é necessaria; finalmente, assenta como dogmas da sua religião, que elle é o maior dos prophetas, e o primeiro depois de Deus. Permite toda a casta de voluptuosidade dos sentidos, a polygamia, o divorcio, e promete aos seus sectarios um paraizo, cuja brutalidade faria corar ainda o mais devasso. Todos estes erros são conteudos n'uma obra cheia de pomposa obscuridade, que elle dizia ter-lhe sido dictada pelo anjo S. Gabriel, e á qual os seus discipulos dão o nome de *al-koran*, que quer dizer: — o livro por excellencia. Deu aos seus proselytos o titulo de *musulmanos*, que significa: — verdadeiros crentes.

Se o Evangelho é verdadeiro, *Mahomet* foi um impostor, porque estabeleceu uma religião contraria; se o Evangelho é falso, ainda é tambem um impostor, porque se autorisa, e diz enviado para o confirmar.

633. Nova heresia, não menos funesta que as precedentes, apparece no oriente, e os que a professam appellidam-se *monothelitas*, porque reconhecem em Jesus Christo só uma vontade. Eis como apoiam a sua opinião. Ha em Jesus Christo uma só pessoa. Ora n'esta pessoa não pode haver senão um principio que quer, que determina; portanto não pode haver em Jesus Christo senão uma só vontade.

Os catholicos respondiam-lhes que a unidade da vontade não dependia da unidade da pessoa, e sim da unidade da natureza; que não havia em Deus senão uma unica vontade, apesar de n'elle haverem tres pessoas; e que tendo a Igreja decidido que havia em Christo duas naturezas, tambem havia de ter duas vontades.

Apesar d'estas solidas refutações, a opinião dos *monothelitas* fez grandes progressos. O imperador *Heraclio* favoreceu-a; e *Cyro*, patriarcha de Alexandria, e *Sergio*, patriarcha de Constantinopola, fizeram-na approvar nos concilios. *Sophronimo*, patriarcha de Jerusalem, oppoz-se

vivamente a esta doutrina, que apesar da protecção dos imperadores foi fulminada no concilio geral de Constantinopola no anno de 680.

724. *Leão de Isauria*, que foi imperador de Constantinopola, destruiu as santas imagens que estavam nas egrejas. Foi chefe dos *Iconoclastas*, ou quebradores de imagens, hereticos que causaram grandes perturbações na Igreja, e foram condemnados em muitos concilios, sendo os principaes, o de Nicea em 787, e o de Constantinopola em 814.

Desde esta epoca não houve novas heresias, e principiaram então os scismas e as perseguições tão funestas como a mesma heresia.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXII.

De como Manuel da Silva deu tratos a outras pessoas, e de que com ellas passou.

No ditto tempo quantos homens de fora vinham, a esta cidade Manuel da Silva os não deixava ir, e os fazia todos soldados; e os bombardeiros os mettia todos pelos castellos, e fortes; e os homens de mar para as armadas; os quaes como eram casados os mais delles, tinham pouco proveito de estarem retidos nesta ilha, e a risco de morrerem nas guerras, como muitos morreram. Não pretendiam senão buscar remedio para se verem fora da ilha, e muitos naturaes della desejavam o mesmo. Manuel da Silva tudo era metter medos e fazer-lhes pregações, dizendo-lhes que elle deixara a Condessa, gavando-lhes suas boas partes, e seus filhos muito formosos, por vir servir a el-rei seu Snr. com risco de sua vida, podendo estar muito quieto em sua casa. E isto dizia muitas vezes; e muito mais que se escusa contar-se, de maneira que estando aqui gente de fora, como tenho ditto, fallaram a um Salvador Fernandes, senhor de um barco, se queria levar dez ou doze homens para a ilha de S. Miguel com lhe pagarem muito bem, e um João Lopes foi o corretor. Descobriu um dos marinheiros, dizendo-lhe que não queria ir. Mandou Manuel da Silva ir ao pomar dos paços todos prezos, e juntamente o mestre; e logo poz a tormentos o ditto João Lopes, o qual confessou tudo, porque todos estavam presentes, e tal era o medo dos tratos, que só de os verem dar a outrem confessavam tudo, sem o terem feito, de maneira que logo mandou tirar o ditto João Lopes, e perguntou quem era o mestre do barco. Diceram-lhe quem era, o qual era um velho de perto de 80 annos, e muito desprezível, e doente dos olhos. Quando o elle vio ficou espantado. Dice: Para que é dar tratos a este ve-

lho? Vós entendestes a pena que tinheis no que fizestes? Dice o velho: Snr., não; nem a mim nunca me pozeram pena, que não levasse gente para a ilha, e sou pobre e ganho minha vida com o meu barco. Quando Manuel da Silva vio a muita velhice delle, e o pouco entendimento, dice: Velho, i-vos embora, e daqui por diante não faças viagem para as ilhas sem primeiro me virdes dizer a gente que levas; senão hei-vos de mandar enforcar; e i-vos logo. Dice o velho: Snr. Conde, já vou solto? Dice elle: Si. Bota o velho a correr, que em dois saltos apanhou o caminho. Depois dizia que não havia tão honrado fidalgo no mundo como Manuel da Silva. E aos mais lhes perdoou, e só o que andou nos segredos da embarcação com o velho, que era João Lopes, ficou com os tratos, que nunca foi bem são dos pés, té que morreu. O velho era Salvador Fernandes.

LXXIII

De como veio monsieur de Chatres com mil e trezentos soldados francezes para defensão da ilha.

Podiam nesta ilha estar como settecentos francezes e inglezes. Chegaram da França no mez de Maio, ou Junho do anno 1583, outo velas grandes, francezas, e vieram amanhecer defronte do porto desta cidade de Angra. Sabendo que navios eram, diceram que era monsieur de Chatres que vinha por mandado do Snr. D. Antonio com soldados, para ajudar a defender a terra, porque estavam feitas grandes armadas, que sem falta vinham para esta ilha Terceira, por mandado e ordem d'el-rei Philippe. E logo se desembarcaram, e lhes deram casas e alojamentos para capitães, e soldados, e a monsieur de Chatres lhe deram as casas, e aposentos de Fernão Garcia Jaques, aonde esteve Duarte de Castro; e assim estes francezes como os que cá estavam foram repartidos pela ilha, e Villas da Praia, e S. Sebastião; e as naus ancoraram em o porto, porque eram outo naus grandes, e muito bem artilhadas, e as não quizeram deixar tornar para fora, para com a gente e naus ajudarem a defender a ilha, porque eram naus de armadores, e não tinham obrigação mais que de botarem n'esta ilha a gente, e daqui haviam de ir á pescaria, que prouvéra ao Senhor dos altos ceus, que nem naus nem francezes cá vieram, porque elles foram parte para mais desmancho e desordem de tudo, e da ilha se não entregar. Diziam que monsieur de Chatres, era homem de muito respeito, e grande fidalgo, e Senhor de terras; mas elle não foi na occasião da defensão da ilha bom soldado, antes foi um grande cobarde judeu, como mostrou por obras, elle e Manuel da Silva, como adiante se dirá.

LXXIV

De como mandaram desta cidade á ilha de S. Miguel um batel com cinco soldados portuguezes, a tomar falla da ilha.

Como já se tinha por nova certa, que vinha

o marquez de Santa-Cruz com grossa armada sobre esta ilha, e era já verão, não sabiam se seria já partida, e para o saber mandaram um batel de pescar com cinco soldados portuguezes, todos mancebos solteiros, que eram, um Francisco Pacheco, João Nunes, Pantaleão Dias, Manuel Gonçalves, Gaspar Gonçalves, todos espingardeiros; com quatro homens remeiros. E foram á ilha de S. Miguel, e chegaram a terra, e cuidaram que era batel da ilha que andava a pescar, não attentaram por isso, ainda que o vissem. E saíram como duas leguas da cidade de Ponta-delgada todos cinco, e andando um homem descuidado, sachando melões, pegaram nelle, e contra sua vontade o trouxeram, e o metteram no batel, porque posto que elle quizesse resistir pouco lhe aproveitava; e mettido no batel deram á vela com vento leste, e em meio canal se lhe veiu ao norte, que era o mais contrario de todos. Pozeram-se a remar, e como o caminho era comprido e o vento fresco, quizeram dar á vela para ver se podiam tomar a ilha do Pico. Quando o homem que traziam lhes viu os trabalhos, e imaginações, e sendo de noite, lhes dice, que se elles o queriam tornar á ilha de S. Miguel a botal-o em sua casa, que lhes dava palavra de os não descobrir, e que em sua casa estariam té terem tempo, porque a elle se lhe não dava nada de vir á Terceira, senão a imaginação de sua mulher, filhos, e parentes, de desaparecer sem d'elle saberem parte; e que o batel o varariam onde elle sabia que estava secreto. Os soldados, e dono do batel, convencidos delle, e confiados em suas boas palavras, tornaram a arribar; e como o vento era em popa, em breve espaço tomaram a ilha. Sendo já ás quatro da manha, confiados se foram todos metter em sua casa, os quaes elle levava vendidos. E estando os soldados e remeiros muito seguros, dão com elles por ordem do Governador, que era um filho de Ambrosio de Aguiar, e os levaram presos á fortaleza da cidade; e o aviso veiu do proprio homem, que os enganou; e presos na fortaleza lhes deram tratos, para que lhe descubrissem o que lhes perguntavam, e ao que iam, e como a elles lhes ia pouco em o dizerem, tudo lhe diceram; mas os tratos foram fracos, porque d'ahi a poucos tempos foram vistos nesta ilha Terceira, são e da maneira que della saíram. E nesta cidade os tinham por mortos, por ser batel de pescar pequeno, e o canal ser de trinta legoas, e ventarem nortes, e rijos.

LXXV

De como a horas de meio dia fugiram cinco naus do porto.

As naus que trouxeram monsieur de la Chartres, com os soldados francezes, desejosas de se irem fazer sua pescaria, e tendo pouca vontade de esperarem a occasião da guerra, estando um Domingo por grande calma, no mez de Junho, ou no fim delle, do anno de 1583, recolhida to-

da a gente a horas de jantar, que podiam ser ás onse do dia, ouviram repicar, e tocar o sino do Corpo-Santo. Acudindo gente ás janellas e portas viram ir gente a correr para o mar. Perguntando o que era, diziam que eram as naus, que se acolhiam do porto. O vento era noroeste, que assoprava arresoadamente, e na fortaleza de Santo Antonio não estava mais que um bombardeiro, e estava jantando, bem fora do que era, que bem o amargou. Na de S. Sebastião nem um, porque só de noute iam lá dormir. Acudiram depressa os bombardeiros, e já iam longe cinco, porque ellas eram oito, e as trez estavam já botando, e tanto que viram o rumor na cidade, e tanger o sino do Corpo-Santo, estiveram quedas, que se largaram o panno, como as cinco, bem lhes fora ainda, que quando chegaram os bombardeiros e gente á fortaleza de Santo Antonio, estava o bombardeiro jantando, e ficou morto. Logo o prenderam, e se pozeram a tirar de uma e outra fortaleza ás cinco velas, mas eram já longe; somente da fortaleza de San Sebastião atiraram uma colubrina duas vezes, e de um dos tiros deram no mastro do meio da capitania, e lho derrubaram em bai-

xo, e com elle derrubado se safou com as mais. Continua.

A astucia dos litigantes, as tricas dos advogadas, as suggestões da amizade, e do amor, e o attractivo do oiro, são inimigos da probidade do magistrado: com sciencia vence os primeiros; com firmeza os ultimos.

Os principios da moral philosophica são genericos, e absolutos; não se circunscrevem a pessoas, circunstancias, ou tempos; não admittem privilegios; são sempre os mesmos para o homem, para o cidadão, para os monarchas, para as nações.

Ministros do Deus de paz, se não renegaes o exemplo, e doutrina do Redemptor, reconhecei que a religião se firmou, e se deve sustentar pela verdade, e não pela impostura; pela virtude, e não pelo alfange!

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porém, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças,

e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annuciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.º 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.º 52 1.º andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
À entrega	90 »

PROVINCIAS (franco de porte)

Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »